

O PERFEITO SACRIFICIO

A dramatic, low-key photograph of a bonfire. The fire is bright orange and yellow, with thick black smoke rising from it. It is burning on a large, dark, rectangular stone slab that serves as an altar. The altar is supported by several rough, uneven stone pillars. The background is dark and moody, with a cloudy sky. The overall tone is somber and intense.

EDIR MACEDO

INTRODUCAO

Quando decidimos dar um presente a alguém, a primeira pergunta que passa na nossa cabeça é: qual o tipo de pessoa que vou presentear? A partir daí, começam a surgir outras tantas, como por exemplo: “qual a sua importância para mim?” ou “quais serão os benefícios que irei proporcionar ou alcançar com isso?”. Somente depois de ter respondido a essas questões, é possível decidir o tipo e o valor do presente que se pretende comprar.

Vamos supor que será dado a uma autoridade; então, de acordo com o seu prestígio também será o valor, o custo ou o significado do presente. Se é o presidente de uma nação, um governador ou um prefeito, então o presente deverá ser significativo, de modo a agradar àquela autoridade ou provocar-lhe uma determinada reação.

Dependendo do grau de interesse do ofertante, o presente, por mais caro que seja, ainda assim se torna barato diante daquilo que está proporcionando ao presenteado. Quando há um profundo laço de afeto, ternura e amor entre o que presenteia e o que recebe, o presente nunca deve ser inferior ao melhor que a

pessoa tem condições de dar.

Um presente tem a finalidade de agradar, celebrar, marcar situações, transmitir sentimentos, atender ao outro em alguma necessidade ou provocar uma reação do tipo “*dai e dar-se-vos-á*” (Lucas 6.38).

Estes e outros elementos constantes do ato de presentear se transformam no comportamento ideal para que a pessoa se aproxime de Deus. Foi justamente este o caminho que o Senhor Deus escolheu para salvar a humanidade através da Sua oferta maior: o Seu único Filho, Jesus Cristo. Eis aí a razão:

“Porque Deus amou ao mundo de tal maneira que deu o seu Filho unigênito,

para que todo o que nele crê não pereça,
mas tenha a vida eterna.”

João 3.16

A OFERTA

Toda a oferta que se oferece a Deus revela o que está no coração do ofertante e mostra o seu relacionamento com Ele. Através da oferta a Deus, a pessoa transmite amor, carinho, dedicação e consideração.

Somente aqueles que num belo dia tiveram um encontro real com o Senhor Jesus Cristo podem avaliar a grandeza, a glória e a importância dos dízimos e das ofertas. Entretanto, o privilégio de ser

dizimista e ofertante não tem sido de todos. Poucos sabem de verdade o significado de dar e receber de Deus, principalmente porque essa relação inclui o maior e mais importante sentimento que pode habitar o coração do homem – a fé.

A Bíblia está repleta de exemplos, tanto de pessoas simples e humildes, quanto dos mais importantes e ricos executivos, que experimentaram a alegria e o gozo de poder oferecer algo para Deus. Muitos foram impulsionados pelo sentimento de gratidão; outros, movidos de profundo amor, e há aqueles que o fazem pelo prazer de ajudar. O médico e evangelista Lucas, no seu Evangelho,

diz:

“Aconteceu, depois disto, que andava Jesus de cidade em cidade e de aldeia em aldeia, pregando e anunciando o evangelho do reino de Deus, e os doze iam com ele, e também algumas mulheres que haviam sido curadas de espíritos malignos e de enfermidades: Maria, chamada Madalena, da qual saíram sete demônios; e Joana, mulher de Cuza, procurador de Herodes, Suzana e muitas outras, as quais lhe prestavam assistência com os seus bens.”

Lucas 8.1-3

A grande verdade é que ao descobrir o caminho da Fonte da Salvação,

difficilmente a pessoa consegue se conter. A partir de então começa o processo de entrega de si mesmo, como oferta em favor daqueles que se encontram perdidos. É justamente nesse ponto que está a santidade da oferta. Ainda que existam muitos tipos de ofertas, todos têm apenas um só sentido: representar a oferta de Deus para a salvação da humanidade!

Sim, a oferta representa o Senhor Jesus Cristo. Daí a razão de ser tão santa e sagrada quanto a própria Palavra de Deus. Aqueles que vêem as doações das ofertas com maus olhos, ou seja, do ponto de vista meramente mercadológico, principalmente do lado

da Igreja, também têm dificuldades para compreender a razão da vinda do Filho de Deus ao mundo. Ora, se não têm sensibilidade para compreender a maior oferta de todos os tempos, quanto mais para compreender a oferta cristã!

Aliás, essa é a verdadeira razão pela qual muitos que têm ouvido a Palavra não a compreendem de acordo com a vontade de Deus. Por isso mesmo, não conseguem alcançar o dom do arrependimento para conversão, haja vista que a oferta está intimamente relacionada com a salvação eterna em Cristo Jesus.

A origem da oferta

Se analisarmos bem a narrativa da criação, verificaremos que enquanto Adão e Eva mantiveram íntima comunhão com Deus e não praticaram o pecado, não há qualquer referência à oferta. O casal humano vivia em fartura de saúde, paz e amor. Enfermidades, discórdias, contendas e ódio não tinham lugar em suas vidas, pois Adão e Eva se completavam. Tinham fartura de comida, pois *“Do solo fez o Senhor Deus brotar toda sorte de árvores agradáveis à vista e boas para alimento...”* (Gênesis 2.10); de riquezas minerais, pois *“Saía um rio do Éden para regar o jardim e*

dali se dividia, repartindo-se em quatro braços. O primeiro chama-se Pisom; é o que rodeia a terra de Havilá, onde há ouro. O ouro dessa terra é bom; também se encontram lá o bdélio e a pedra de ônix” (Gênesis 2.11,12); enfim, tinha abundância de tudo, especialmente da presença de Deus, que era o mais importante.

Em tudo havia prazer pois, afinal de contas, a palavra *Éden* significa “prazer” ou “deleite”. É interessante perceber que não se fala de ofertas antes do pecado, nem de leis, altares ou sacerdotes. De acordo com a Bíblia, quando o homem quebrou o seu relacionamento com Deus, pela rebelião

e desobediência à Sua Santa Palavra, o Senhor Deus instituiu o sacrifício animal como sendo o único meio de substituir o pecador e, assim, permiti-lo entrar em Sua presença. A morte do animal significava a morte do pecado da pessoa que o oferecesse a Deus.

A Bíblia diz que após o pecado Deus fez vestimentas de peles para Adão e Eva se cobrirem, em substituição às folhas de figueira que usavam para esse fim (Gênesis 3.21). Vemos aqui que o Senhor sacrificou um animal, para que a sua pele pudesse cobrir a nudez deles, instituindo essa forma de sacrifício a fim de apagar o pecado do pecador. Ora, aquele animal representava o Filho de

Deus – Jesus Cristo – que teria de vir ao mundo mais tarde, para sacrificar-Se em favor da humanidade, cobrindo a nudez do homem diante do Pai.

A definição da palavra “oferta”

Oferta, de acordo com a Bíblia, é uma ação, objeto ou comportamento que serve como meio a partir do qual o indivíduo se aproxima de Deus. A raiz da palavra “oferta”, no hebraico, significa “aproximar-se”, e isso está plenamente de acordo com as Sagradas

Escrituras, que dizem:

“Se a sua oferta for holocausto de gado, trará macho sem defeito; à porta da tenda da congregação o trará, para que o homem seja aceito perante o Senhor.”

Levítico 1.3

Nesse versículo está bem explícito o fato de que, para entrar na presença do Altíssimo, o homem deve Lhe apresentar ofertas sem defeitos.

Sempre ligada ao sacrifício, a origem da oferta está no Éden. O primeiro foi realizado pelo próprio Deus. A oferta de sacrifício de animais perpetuou-se entre os judeus até por volta do ano 70 d.C.

quando o templo reconstruído por Herodes foi totalmente destruído. Os judeus ainda esperam que o templo seja novamente erguido em Jerusalém para então darem continuidade às suas ofertas de sacrifícios de animais.

“O presente que o homem faz alarga-lhe o caminho e leva-o perante os grandes.”

Provérbios 18.16

O significado real da oferta

A oferta é o instrumento pelo qual o ser humano se aproxima de Deus. Essa aproximação é desejada pelo Pai, que instituiu a oferta do sacrifício. Continuando o processo de redenção da humanidade, Deus ofertou o Seu próprio Filho, Jesus Cristo (João 3.16). O Senhor Jesus é a Oferta do Deus-Pai para a salvação da humanidade; portanto, a oferta perfeita, ao mesmo tempo em que é a porta de acesso à Sua santa presença.

Isso mesmo! Se Jesus é a oferta perfeita, isso significa que todas as ofertas são representações d'Ele. A oferta representa o Senhor Jesus! Por isso, ela não pode ser imperfeita. Se a oferta de

Deus para a humanidade é perfeita, então toda oferta que se oferece a Deus tem de ser também perfeita, a fim de poder representar coerentemente o Seu Filho Jesus. Caso contrário, não é aceita e, conseqüentemente, não produz os resultados que deveria.

O autor da carta aos Hebreus disse:

“Tendo, pois, irmãos, intrepidez para entrar no Santo dos Santos, pelo sangue de Jesus, pelo novo e vivo caminho que ele nos consagrou pelo véu, isto é, pela sua carne, e tendo grande sacerdote sobre a casa de Deus, aproximemo-nos, com sincero coração, em plena certeza de fé, tendo o coração purificado de má

consciência e lavado o corpo com água pura.”

Hebreus 10.19-22

Poderíamos escrever essas mesmas palavras grifadas da seguinte maneira:

“Tendo, pois, irmãos, coragem para entrar diante da presença de Deus, através da oferta de sangue de Seu próprio Filho Jesus, que Ele nos ofereceu para que chegássemos à Sua presença.”

Em outras palavras: o Senhor Jesus é a oferta de Deus para que possamos entrar na Sua presença. Ele é o novo e vivo caminho; o pão que desceu do céu, a

Verdade, a Vida, enfim, Ele é a oferta pela qual temos acesso a Deus.

O que é um símbolo

A Bíblia é um livro cuja linguagem é repleta de símbolos. Todas as religiões em todo o mundo empregam a linguagem simbólica para transmitir seus ensinamentos. A palavra *symbolon* tem diversas aplicações, como por exemplo, um sinal, uma garantia, uma representação gráfica. A importância do símbolo se deve ao fato de ser um objeto, figura ou idéia que representa e

garante a realidade daquilo que está sendo simbolizado. O Oxford Dictionary define um símbolo como “algo reputado por consenso geral como tipificação, representação ou memória natural de alguma coisa por possuir qualidades análogas ou por associação de fato ou no pensamento”. No Antigo Testamento podemos identificar os seguintes símbolos:

- **Pessoais:** No primitivo pensamento israelita, a família era a unidade fundamental e não o indivíduo. A vida dos indivíduos compunha a vida do grupo; a vida do grupo se estendia por todos os seus indivíduos componentes. Esse conceito psicológico ajuda a

explicar como uma pessoa podia simbolizar um grupo de pessoas ou até mesmo a presença de Deus. Por exemplo: Em 2 Samuel 18.3, o rei Davi valia por dez mil homens, isto é, ele simbolizava dez mil homens.

Em Êxodo 7.1, o Senhor constituiu Moisés como deus sobre Faraó, e a Arão, seu irmão, como seu profeta. Quer dizer: Moisés simbolizava Deus para Faraó.

- **Objetivos:**Objetos externos eram também empregados para simbolizar a presença de Deus, de maneira representativa. O arco-íris foi um sinal da aliança de Deus com Noé. Esse sinal

foi um compromisso que Deus assumiu com Seu servo, de nunca mais enviar contra a humanidade o dilúvio (Gênesis 9.13). Os patriarcas Abraão, Isaque e Jacó (Israel) sempre erigiam altares, logo após Deus ter estado com eles, a fim de assinalar o lugar e reivindicá-lo para o Senhor para sempre. O altar simbolizava o local de encontro de Deus com o homem.

- **Ações:** Ações ilustrativas ou com um propósito específico em mira, que ultrapassavam seu contexto imediato. A entrega do calçado, por exemplo, simbolizava a entrega de todos os direitos pessoais de herança.

“Este era, outrora, o costume em Israel, quanto a resgates e permutas: o que queria confirmar qualquer negócio tirava o calçado e o dava ao seu parceiro; assim se confirmava negócio em Israel.”

Rute 4.7

A circuncisão, espécie de cirurgia cerimonial na qual se cortava parte da pele que envolvia o órgão sexual masculino, além do seu valor higiênico, era também uma ação simbólica, sinal da aliança com Deus.

No Novo Testamento, também encontramos muitas variedades de símbolos. Inclusive alguns símbolos de

ação foram utilizados pelo Senhor Jesus e instituídos em cerimônias profundamente importantes na Igreja, tais como a Santa Ceia, o batismo nas águas e a unção com óleo.

Há uma série de outros elementos que naturalmente têm força como símbolo, dentre eles:

- *a água* (purificação)
- *o pão* (alimento, corpo de Cristo na Ceia)
- *o vinho* (alegria, sangue de Jesus na Ceia)
- *a pedra angular* (Jesus, como alicerce)

da fé)

- *o coração* (razão, vontade, alma)
- *a porta* (condição para entrada no Reino de Deus)
- *o cordeiro* (Jesus, como o sacrifício perfeito)
- *o óleo* (Espírito Santo, unção, separação, santificação)
- *a videira* (Jesus, como árvore da vida)
- *Jesus* (a oferta plena de Deus) e outros mais.

A oferta simboliza Jesus Cristo. Entre

todos os símbolos, a oferta é a que melhor representa o Senhor Jesus Cristo, pois Ele é a oferta de Deus para o ser humano, a fim de que através da mesma, este possa se reconciliar com o Criador.

Quando a pessoa entrega uma oferta, está repetindo simbolicamente o que Deus fez ao dar parte de Si (Seu Filho). A oferta é parte da pessoa, pois carrega consigo o tempo de vida gasto para ser conseguida.

A Bíblia afirma que Jesus deu o Seu sangue para salvar a humanidade. O sangue de Jesus é Ele mesmo, Sua vida, Seu sacrifício. Costumo afirmar que o dinheiro é o sangue da Igreja, pois

carrega consigo parte das vidas das pessoas (tempo, suor, inteligência e esforço para ser conseguido); é a este aspecto que me refiro.

Convém registrar a diferença entre símbolo e representação. Os discípulos do Senhor Jesus O representam, o que não significa que O simbolizam. Pessoas ungidas e consagradas para o serviço da obra de Deus foram imbuídas de autoridade para representarem-nO. É o caso dos apóstolos, profetas, evangelistas, pastores e mestres, que foram instituídos na Igreja para o aperfeiçoamento dos santos. Estes são embaixadores de Cristo, isto é, Seus representantes.

Um chefe de uma nação representa o seu povo em qualquer parte do mundo. Da mesma forma, os discípulos do Senhor Jesus. Eles O representam como embaixadores diante do mundo, enquanto andam na Sua presença.

O sacerdote, o altar e a oferta

O sacerdote, o altar e a oferta formam uma triunidade intimamente interligada. Não há oferta sem sacerdote e não há altar sem oferta. A oferta é um símbolo do Senhor Jesus; o ofertante é chamado

de sacerdote, e o altar é o lugar onde se oferece a oferta.

O sacerdote, em todas as culturas religiosas, é aquele que faz a intermediação entre Deus e o homem. Mesmo entre o povo de Israel, somente eles tinham autoridade para oferecer sacrifícios de animais ou holocaustos a Deus. Quando o Senhor Jesus veio ao mundo e Se ofereceu a Si mesmo como sacrifício pela humanidade, então Ele tornou-Se o Sumo Sacerdote daqueles que se transformaram também em sacerdotes, através d'Ele. Estes sacerdotes são aqueles que têm crido no Senhor Jesus Cristo, de todo o coração, como único Senhor e Salvador de suas

vidas.

É como diz o apóstolo Pedro aos cristãos:

“Sois edificados casa espiritual para serdes sacerdócio santo, a fim de oferecerdes sacrifícios espirituais agradáveis a Deus por intermédio de Jesus Cristo.”

1 Pedro 2.5

Quer dizer: o sacerdote oferece ofertas de sacrifícios espirituais agradáveis a Deus, por intermédio do Senhor Jesus. Também o apóstolo João disse:

“Àquele que nos ama, e, pelo seu

sangue, nos libertou dos nossos pecados,
e nos constituiu reino,
sacerdotes para o seu Deus e Pai...”

Apocalipse 1.5,6

Significa dizer que o Senhor Jesus é quem nos constituiu sacerdotes para o Seu Deus e Pai.

É importante frisar que, na eternidade, todos os remidos estarão permanentemente oferecendo sacrifícios espirituais agradáveis a Deus, e que aqui na Terra, isso já é uma realidade. Ou melhor: deve ser uma realidade! Todos os cristãos têm obrigação de estar sempre oferecendo a Deus ofertas de sacrifícios espirituais agradáveis a

Deus, através do único Sumo Sacerdote:
Jesus Cristo.

As obrigações dos sacerdotes judeus foram encravadas na cruz do Calvário, tendo nosso Senhor cancelado a dívida que tínhamos com o Deus-Pai, como diz o apóstolo Paulo aos cristãos em Colossos:

“E a vós outros, que estáveis mortos pelas vossas transgressões e pela incircuncisão da vossa carne, vos deu vida juntamente com ele, perdando todos os nossos delitos; tendo cancelado o escrito de dívida, que era contra nós e que constava de ordenanças, o qual nos era prejudicial, removeu-o inteiramente,

encravando-o na cruz.”

Colossenses 2.13,14

Quer dizer: a lei mosaica nos colocou em dívida para com Deus por causa do pecado. Porém esta dívida, o próprio Deus cancelou, encravando-a na cruz.

A oferta de sacrifício do Senhor Jesus no Calvário pode pagar plenamente toda a nossa dívida. É claro que somente é paga a dívida daquele que aceita a Oferta de Deus; aqueles, porém, que não a aceitam, mantêm-se endividados com Ele e conseqüentemente condenados à perdição eterna.

OS DIVERSOS TIPOS DE OFERTAS

Ainda no deserto, depois que o Senhor Deus livrou o Seu povo da escravidão egípcia, Ele orientou Moisés a construir o Tabernáculo, onde estaria o altar dos sacrifícios. O livro de Êxodo termina com a construção desse Tabernáculo. Mas, para que ele fosse utilizado, o Senhor instituiu os sacerdotes e leis concernentes às ofertas, um dos assuntos do Levítico, um dos livros do Antigo Testamento.

De acordo com as leis de ofertas instituídas, nenhum judeu, por mais pobre que fosse, estava impedido de

fazer suas ofertas a Deus; daí a razão da existência dos diferentes tipos de ofertas. Vamos constatar que, tais ofertas, na Lei, apontavam para a Graça, em que há muitas formas de ofertas a Deus, através do Senhor Jesus Cristo.

- **Oferta de sacrifício queimada** – Também chamada de holocausto, era oferta de sacrifício de animal macho e sem defeito, toda queimada sobre o altar, exceto o sangue. Simbolizava a apresentação voluntária do ofertante a Deus. Apontava para a oferta voluntária do Senhor Jesus Cristo por intermédio da Sua morte, pois como está escrito a Seu respeito:

“Sacrifícios e ofertas não quiseste, nem holocaustos e oblações pelo pecado, nem com isto te deleitaste (coisas que se oferecem segundo a lei), então acrescentou: Eis aqui estou para fazer, ó Deus, a tua vontade. Remove o primeiro para estabelecer o segundo. Nessa vontade é que temos sido santificados, mediante a oferta do corpo de Jesus Cristo, uma vez por todas.”

Hebreus 10.8-10

Todos os cristãos deveriam ter um mínimo de consideração para com o Senhor Jesus, e semelhantemente, oferecer os seus sacrifícios em favor do Reino de Deus. Esse tipo de oferta pode

ser um trabalho físico, espiritual ou financeiro, pois em Jesus Cristo, o sentido espiritual do que se está ofertando é mais importante do que o objeto da oferta propriamente dito, embora um não elimine o outro.

- **Oferta de sacrifício de trabalho físico** – Evangelização nas favelas, hospitais, presídios, cidades, enfim, onde houver gente, ali deverá haver alguém de Deus, para que através de Bíblias, livros, jornais, revistas e folhetos as pessoas tenham oportunidade de conhecer a salvação em Cristo Jesus.

- **Oferta de sacrifício espiritual** – Há

cristãos que não têm condições de sair às ruas para pregar o Evangelho, porém eles podem oferecer a Deus, através do Senhor Jesus Cristo, as suas orações e jejuns em favor daqueles que estão fazendo a oferta de sacrifício de trabalho físico. Abraão ofereceu a sua oferta em oração de intercessão por Sodoma e Gomorra. Enquanto orou, alcançou o favor de Deus. Também Moisés, quando estava no deserto, ofereceu sua oferta intercessória em favor do povo de Israel que havia pecado contra o Senhor. Deus o atendeu e não destruiu o povo.

- **Oferta de sacrifício financeiro** – Há cristãos que não têm nenhuma condição

de pregar o Evangelho ou mesmo apresentar os seus sacrifícios de jejuns diante de Deus, pois estão imbuídos de sérias responsabilidades. Mas eles podem apresentar as suas ofertas de sacrifício financeiro somadas às orações pela Igreja.

A Igreja então terá condições de fazer o trabalho evangelístico através dos meios de comunicação de massa e do envio de mais missionários para os campos, além de poder abrir novas igrejas em lugares mais estratégicos.

O verdadeiro seguidor do Senhor Jesus Cristo jamais deve se esquecer das

seguintes palavras:

“Aquele que tem os meus mandamentos e os guarda, ESSE É O QUE ME AMA; e aquele que me ama será amado por meu Pai, e eu também o amarei e me manifestarei a ele. Se alguém me ama, guardará a minha palavra; e meu Pai o amará, e viremos para ele e faremos nele morada.”

João 14.21,23

Não posso entender o tipo de amor que tantos cristãos dizem ter para com o Senhor Jesus, enquanto estão sempre pensando em si mesmos. Eu creio que o egoísmo, o egocentrismo e a avareza nunca podem dominar aquele que

realmente tem o Espírito de Deus! Não é cabível nem possível que uma pessoa que tem o Espírito do Senhor Jesus seja tão avarenta, tão egoísta! Quem tem o Espírito de Deus deve ter o mesmo caráter do Senhor Jesus, assim como quem tem o espírito do mundo tem o mesmo caráter do mundo.

Ora, aquele que é de Deus e tem o Seu Santo Espírito, não apenas deseja, mas sobretudo quer e faz todo o possível para salvar almas, não apenas porque é sua primeira aspiração cristã, mas porque tem o mesmo Espírito, o mesmo caráter, a mesma vontade, o mesmo pensamento, o mesmo objetivo, e o mesmo amor que Jesus tinha; enfim,

deve ser, ele mesmo, a mesma expressão de Jesus nesse mundo!

Daí, tudo o que lhe é possível ofertar em prol daqueles que estão perdidos, tais como: orações, jejuns, trabalho evangelístico, ofertas financeiras, enfim, tudo, ele o fará porque ama as pessoas conforme Jesus as ama. Ama as pessoas perdidas porque ama o seu Salvador Jesus! O Senhor, referindo-Se a esse tipo de seguidor, disse:

“Se alguém me serve, siga-me, e, onde eu estou, ali estará também o meu servo. E, se alguém me servir, o Pai o honrará.”

João 12.26

• **Oferta de sacrifício de manjares** – A oferta de manjares era feita de flor de farinha, ou seja, farinha fina, pães assados ou grãos na espiga. Deveriam ser trazidos à Casa do Senhor em vasos puros, significando a limpeza do coração.

“Como quando os filhos de Israel trazem as suas ofertas de manjares, em vasos puros à Casa do Senhor.”

Isaías 66.20

Esse tipo de oferta lembrava aos israelitas que Deus lhes dava o alimento básico e que eles Lhe deviam, em troca, suas vidas como dádiva ou tributo. O mel e o fermento não eram usados, pois

ambos fermentavam. Entretanto, podiam ser utilizados nas ofertas das primícias. O sal representava a permanência e a incorruptibilidade, já que conserva o alimento sadio.

• **Oferta de sacrifício pacífico** – Essa oferta, literalmente, significa sacrifício de concórdia ou felicidade. Era o único sacrifício em que o ofertante partilhava comendo uma porção. Ilustrava assim a comunhão entre Deus e o homem, e entre as pessoas, com base no sacrifício com sangue. O animal poderia ser macho ou fêmea, mas sem defeito. Os mais comuns eram: boi, vaca, cordeiro, ovelha, cabrito e cabra.

• **Oferta de sacrifício pelo pecado** – Devia ser apresentada em casos de pecados por ignorância. O pecado cometido deliberadamente, ou em desafio às leis de Deus, não tinha perdão. A pessoa tinha que ser eliminada do meio da congregação. Ver Números 15.30.

A pessoa comum podia trazer como oferta pelo pecado uma cabra sem defeito, uma ovelha ou, em casos de pobreza, duas rolas ou dois pombos. Em casos extremos, o indivíduo podia oferecer uma pequena porção de farinha fina.

O sacrifício do Senhor Jesus foi a oferta

plena e definitiva pelo pecado, pois *“Aquele que não conheceu pecado, ele o fez pecado por nós; para que, nele, fôssemos feitos justiça de Deus”* (2 Coríntios 5.21).

Aqui está o âmago do Evangelho: o Filho do Altíssimo, sem pecado, assumiu a culpa dos nossos pecados para que pudéssemos ser justificados diante do Deus Pai. A Igreja do Senhor Jesus também tem a obrigação de sacrificar suas ofertas em favor daqueles que estão perdidos no pecado.

- **Oferta de sacrifício pela culpa** – É semelhante à oferta de sacrifício pelo pecado; entretanto, exigia a restituição.

Por exemplo, nos casos de fraude, roubo, extorsão, objetos encontrados e não devolvidos, etc., o ofertante tinha de restituir o que estava retendo e mais uma taxa de 20%.

O Senhor Jesus assumiu totalmente a culpa de todos nós, de modo que nada mais devemos ao nosso acusador, o diabo. É claro que isso não nos isenta, em casos particulares, de restituir a pessoas ou à sociedade o que retemos como consequência do pecado. Zaqueu, na Bíblia, após o encontro com o Mestre, devolveu quadruplicado o que havia roubado.

• **Oferta de sacrifício alçada** –

Consistia em levantar e abaixar a coxa dianteira do animal sacrificado, significando a sua separação como uma contribuição a Deus para uso dos sacerdotes. Sob a dispensação da graça, esse tipo de sacrifício pode ser compreendido como uma oferta exclusiva para os ministros do Evangelho, a fim de ajudá-los na sua manutenção.

- **Oferta de libação** – Consistia em 1,1 litro de vinho puro que era derramado sobre a oferta de manjares, simbolizando a alegria.

“O sacrifício dos perversos é abominável ao Senhor, mas a oração dos

retos é o seu contentamento.”

Provérbios 15.8

O TEMOR NA OFERTA

Para se ter uma idéia melhor sobre a santidade da oferta, é preciso entender que ela não pode ser oferecida por qualquer pessoa. Nem todos têm o direito de oferecer ofertas a Deus, já que elas são instrumento de comunhão. No caso da pessoa não ser cristã, e por isso mesmo não ter sido lavada no sangue do Senhor Jesus, não lhe é dado o direito de entrar na presença de Deus.

Essa pessoa primeiramente precisa estar em condições de santidade para chegar-se diante do Altíssimo. Tem que ter a sua vida pautada pela Palavra d'Aquele

que deu a Sua vida por ela. Se a sua condição é pecaminosa, então a sua oferta não é aceita diante de Deus. O Senhor Jesus ensinou isso a Seus discípulos quando disse:

“Se, pois, ao trazeres ao altar a tua oferta, ali te lembrares de que teu irmão tem alguma coisa contra ti, deixa perante o altar a tua oferta, vai primeiro reconciliar-te com teu irmão; e, então, voltando, faze a tua oferta.”

Mateus 5.23

Muitas pessoas pensam que dar ofertas no templo é um favor que prestam ao pastor ou à igreja. Na verdade isso demonstra uma grande falta de

conhecimento da Palavra de Deus. Se a Palavra é verdadeira como temos crido de todo o coração, então a oferta é uma grande bênção para o ofertante. O apóstolo Paulo, recordando as palavras que o Senhor Jesus disse, deixa bem claro o significado do propósito da oferta:

“Mais bem-aventurado é dar que receber.”

Atos 20.35

Não é o ministro de Deus, portanto, quem vai usufruir plenamente das conseqüências da oferta na Igreja, mas o próprio ofertante.

O fato é que a partir do momento em que uma pessoa é convidada a trazer a sua oferta ao altar, o servo de Deus está lhe dando a oportunidade de se aproximar do Trono da Graça. Aquele homem de Deus, como ministro do Evangelho, ungido com o Espírito Santo, tem autoridade espiritual para receber, em nome do Senhor Jesus, as ofertas do povo para a divulgação do Reino de Deus nesse mundo. Essas ofertas não apenas permitem a propagação do Evangelho, mas sobretudo aproximam o ofertante de Deus.

É por isso que a oferta não pode ser defeituosa. Não se dá “qualquer coisa”, ou aquilo que não faz diferença para

quem oferece. Ela tem que ser santa, pura e sem defeito, e para tanto, tem que haver temor no coração do ofertante quando for apresentada no altar. Há de se considerar que ela não está sendo trazida para o sacerdote, mas para Deus. Tanto o homem de Deus quanto o ofertante têm que estar vivendo um padrão de santidade aceitável por Deus para poder ao menos tocar na oferta. Quando isto é observado, então certamente a pessoa é abençoada. É impossível não haver retorno espiritual e financeiro para o ofertante quando sua oferta está de acordo com a vontade de Deus!

Creio que os cristãos, em sua maioria,

vivem uma vida nos limites da pobreza e miséria, porque as suas ofertas têm revelado falta de amor, temor e respeito com Deus. Quando nos referimos às ofertas não estamos falando necessariamente “dinheiro”, mas tudo o que se dedica a Deus, por mais simples que seja. É aí que o coração de cada um é revelado.

O empregado cristão deve executar o seu trabalho como se o fizesse para Deus; da mesma forma, o patrão cristão deve tratar o empregado como se estivesse lidando com o Senhor Jesus, que foi o Servo dos servos. Em outras palavras, devemos dar o melhor em tudo o que fazemos. Sendo assim, de que

maneira devemos dedicar o nosso trabalho diretamente para o Senhor? Ele não deixa de ser uma oferta de sacrifício. Sobre isso, o Espírito Santo ensina:

“Quanto a vós outros, servos, obedeei a vosso senhor segundo a carne com temor e tremor, na sinceridade do vosso coração, COMO A CRISTO, não servindo à vista, como para agradar a homens, mas como servos de Cristo, fazendo, de coração a vontade de Deus; servindo de boa vontade, COMO AO SENHOR, e não como a homens, certos de que cada um, se fizer alguma coisa boa, receberá isso outra vez do Senhor, quer seja servo,

quer livre.

E vós, senhores, de igual modo procedei para com eles, deixando as ameaças, sabendo que o Senhor, tanto deles como vosso, está nos céus, e que para com ele não há acepção de pessoas.”

Efésios 6.5-9

Chegamos à conclusão de que tudo que uma pessoa cristã é ou faz constitui uma oferta direta ou indireta para Deus. Qualquer trabalho a executar, seja para Deus ou para um ímpio qualquer, representa o seu sacrifício para Deus, uma vez que, como cidadão do Reino de Deus e luz do mundo, é obrigação do

cristão dar o melhor testemunho d'Aquele que vive e reina no seu interior, através de um comportamento cristão exemplar. Creio que foi justamente isso o que o Senhor Jesus quis ensinar quando disse:

“Vós sois a luz do mundo. Não se pode esconder a cidade edificada sobre um monte; nem se acende uma candeia para colocá-la debaixo do alqueire, mas no velador, e alumia a todos os que se encontram na casa. Assim brilhe também a vossa luz diante dos homens, para que vejam as vossas boas obras e glorifiquem a vosso Pai que está nos céus.”

Mateus 5.14-16

Qualquer trabalho espiritual ou material e secular, não importa para quem o executamos, tem de ser o melhor. Se por acaso o trabalho que o cristão realiza não é recomendado pela Palavra de Deus, então é melhor que ele o abandone e se engaje em outro tipo de serviço, a fim de poder trabalhar com todas as suas forças, realizar o melhor e, também dessa maneira, agradar ao Senhor. O que jamais deve esquecer é que o seu testemunho, seja por palavras ou por ações, em quaisquer circunstâncias, tem que exalar o perfume do Senhor Jesus diante de tantos quantos estão à sua volta.

Uma forma de pregar a Palavra de Deus sem abrir a boca é dar testemunho de boa conduta e boas obras. É isso o que o apóstolo Paulo, inspirado pelo Espírito Santo, nos diz:

“Rogo-vos, pois, irmãos, pelas misericórdias de Deus, que apresenteis o vosso corpo por sacrifício vivo, santo e agradável a Deus, que é o vosso culto racional.”

Romanos 12.1

Sabemos que é difícil servir ao não-cristão como se fosse ao Senhor; entretanto, aí está o valor da oferta de sacrifício que, como tal, somente pode ser realizada por aqueles que de fato

pertencem a Deus!

Não é difícil entender por que muitos que se dizem cristãos vivem numa penúria total de vida. É que no seu viver e particularmente no seu trabalho nunca glorificam a Deus. Pensam apenas em si mesmos. São vaidosos, egoístas e tremendamente interesseiros. Conhecem a Bíblia, mas não têm praticado seus exemplos.

José, filho de Jacó, quando foi vendido como escravo por seus irmãos, foi trabalhar para Potifar, oficial de Faraó; portanto, um homem incrédulo. Entretanto, ainda assim ele fazia o melhor que podia, mesmo sabendo que

seu chefe era um endemoninhado. Por causa disso, foi posto como mordomo de tudo naquela casa e Deus tocou em Potifar para abençoar José.

Deus não tem podido agir da mesma forma na vida dos Seus filhos porque, na sua maioria, têm dado um péssimo testemunho da sua fé diante dos incrédulos. O fato de terem que trabalhar, quer seja para um cristão ou para um incrédulo, não faz diferença. Cumprir com suas obrigações e realizar todas as suas tarefas como se Deus fosse o seu patrão ou empregado é o que se espera do cristão. Infelizmente, até mesmo no trabalho secular da Igreja, muitos, inclusive obreiros e pastores,

têm executado as suas tarefas de qualquer maneira.

De que adianta para essa gente ir à igreja, orar, chorar, jejuar, ler a Bíblia e não fazer isto ou aquilo, se o trabalho secular que realizam para a obra de Deus é mal feito? O que se pode esperar das suas ofertas de sacrifícios espirituais ou financeiros que devem oferecer perante o altar? Se não são fiéis no pouco, como o serão no muito? O Espírito Santo, usando o profeta Malaquias, disse:

“O filho honra o pai, e o servo, ao seu senhor. Se eu sou Pai, onde está a minha honra? E, se eu sou senhor, onde está o

respeito para comigo? – diz o Senhor dos Exércitos a vós outros, ó sacerdotes que desprezais o meu nome. Vós dizeis: Em que desprezamos nós o teu nome?

Ofereceis sobre o meu altar pão imundo e ainda perguntais: Em que te havemos profanado? Nisto, que pensais: A mesa do Senhor é desprezível.

Quando trazeis animal cego para o sacrificardes, não é isso mal? E, quando trazeis o coxo ou o enfermo, não é isso mal? Ora, apresenta-o ao teu governador; acaso, terá ele agrado em ti e te será favorável? – diz o Senhor dos Exércitos.

Agora, pois, suplicai o favor de Deus,

que nos conceda a sua graça; mas, com tais ofertas nas vossas mãos, aceitará ele a vossa pessoa? – diz o Senhor dos Exércitos.

Tomara houvesse entre vós quem feche as portas, para que não acendêsseis, debalde o fogo do meu altar. Eu não tenho prazer em vós, diz o Senhor dos Exércitos, nem aceitarei da vossa mão a vossa oferta.

Mas, desde o nascente do sol até ao poente, é grande entre as nações o meu nome; e em todo lugar lhe é queimado incenso e trazidas ofertas puras, porque o meu nome é grande entre as nações, diz o Senhor dos Exércitos.

Mas vós o profanais, quando dizeis: A mesa do Senhor é imunda, e o que nela se oferece, isto é, a sua comida, é desprezível. E dizeis ainda: Que cansa! E me desprezais, diz o Senhor dos Exércitos; vós ofereceis o dilacerado, e o coxo, e o enfermo; assim fazeis a oferta. Aceitaria eu isso da vossa mão? – diz o Senhor.

Pois maldito seja o enganador, que, tendo um animal sadio no seu rebanho, promete e oferece ao Senhor um defeituoso; porque eu sou grande Rei, diz o Senhor dos Exércitos, o meu nome é terrível entre as nações.”

Malaquias 1.6-14

“Agora, ó sacerdotes, para vós outros é este mandamento. Se o não ouvirdes e se não propuserdes no vosso coração dar honra ao meu nome, diz o Senhor dos Exércitos, enviarei sobre vós a maldição e amaldiçoarei as vossas bênçãos; já as tenho amaldiçoado, porque vós não propondes isso no coração.”

Malaquias 2.1,2

A falta de temor na apresentação das ofertas a Deus tem sido o grande pecado escondido de muita gente que se diz cristã! Essa é uma das grandes razões pela qual a Igreja de nosso Senhor Jesus Cristo está experimentando o fracasso

em muitos lugares! Há falta de sinceridade e pureza na vida das pessoas, e isso se reflete nas ofertas que têm oferecido a Deus!

“O temor do Senhor é o princípio da sabedoria, e o conhecimento do Santo é prudência.”

Provérbios 9.10

A OFERTA E O GALARDAO

Quando o Espírito Santo nos orienta, dizendo: *“Que apresenteis o vosso corpo por sacrifício vivo, santo e agradável a Deus, que é o vosso culto racional”* (Romanos 12.1), está afirmando que devemos manter todo o nosso ser 24 horas por dia e 365 dias no ano, como oferta viva diante de Deus. Essa oferta viva nada mais é do que buscar viver a cada momento em função da fé cristã. Tudo o que somos, que pretendemos ser e que pensamos ou fazemos deve ser para a glória de nosso Senhor Jesus Cristo. Aliás, essa é a

instrução que o Espírito nos dá através do apóstolo Paulo, quando diz:

“Finalmente, irmãos, tudo o que é verdadeiro, tudo o que é respeitável, tudo o que é justo, tudo o que é puro, tudo o que é amável, tudo o que é de boa fama, se alguma virtude há e se algum louvor existe, seja isso o que ocupe o vosso pensamento.”

Filipenses 4.8

E ele conclui esse pensamento enfático, acrescentando:

“O que também aprendestes, e recebestes, e ouvistes, e vistes em mim, isso praticai...”

Filipenses 4.9

Isso é muito mais do que simplesmente acreditar em Deus. É muito mais do que praticar uma religião ou ser cristão apenas aos domingos pela manhã! Isso é viver em oferta viva e contínua ao Senhor Jesus, a cada momento da vida, e colocar-se como templo vivo para habitação do Espírito Santo.

Não basta que tenhamos aquela fé “religiosa” no Senhor Jesus; o importante não é ter capacidade para dar frutos, mas produzi-los abundantemente na obra de Deus. Sobre isso, o Senhor Jesus falou assim:

“Eu sou a videira verdadeira, e meu Pai

é o agricultor. Todo ramo que, estando em mim, não der fruto, ele o corta; e todo o que dá fruto limpa, para que produza mais fruto ainda.”

João 15.1,2

Eu não posso acreditar que uma pessoa é salva apenas para ser salva. Creio que é salva porque Deus tem um plano ou um propósito para ela. Esse plano nada mais é do que produzir frutos para a glória d’Ele; o maior desses frutos é, por sua vez, a oferta da própria vida como sacrifício vivo e santo ao Senhor.

Quando o Senhor Jesus disse:

“Vós sois a luz do mundo. Não se pode

esconder a cidade edificada sobre um monte; nem se acende uma candeia para colocá-la debaixo do alqueire, mas no velador, e alumia a todos os que se encontram na casa.

Assim brilhe também a vossa luz diante dos homens, para que vejam as vossas boas obras e glorifiquem a vosso Pai que está nos céus.”

Mateus 5.14-16

É como se Ele estivesse dizendo para os Seus seguidores: “Olha, todo e qualquer trabalho que vocês realizam, seja para mim ou para o mundo, tem que ser o melhor, porque se os filhos das trevas não crerem em Mim pela pregação da

Minha Palavra, pelo menos eles devem ter a oportunidade de crer em Mim pelo bom testemunho e boas obras que vocês realizam.

Quando eles notarem o trabalho de vocês que são Meus discípulos, e virem o trabalho dos seguidores do diabo, então vão glorificar a Meu Pai que está nos céus, dizendo: os cristãos são realmente mais honestos, sinceros e verdadeiros do que os incrédulos. Essa é a luz que tem de brilhar através de cada cristão verdadeiro, e este é um tipo de oferta sem defeito apresentada a Deus.”

Uma vida santificada é a oferta mais

perfeita diante de Deus. É como Ele mesmo disse para Abraão:

“Eu sou o Deus Todo-poderoso: anda na minha presença, e sê perfeito.”

Gênesis 17.1

Por ocasião da primeira ressurreição, quando todos os verdadeiros cristãos estiverem diante do Tribunal de Cristo para receberem o galardão, então a obra de cada um será provada. A oferta de cada cristão será testada pelo fogo.

“Segundo a graça de Deus que me foi

dada, lancei o fundamento como prudente construtor; e outro edifica sobre ele. Porém cada um veja como edifica.

Porque ninguém pode lançar outro fundamento, além do que foi posto, o qual é Jesus Cristo.

Contudo, se o que alguém edifica sobre o fundamento é ouro, prata, pedras preciosas, madeira, feno, palha, manifesta se tornará a obra de cada um; pois o Dia a demonstrará, porque está sendo revelada pelo fogo; e qual seja a obra de cada um o próprio fogo o provará.

Se permanecer a obra de alguém que

sobre o fundamento edificou, esse receberá galardão; se a obra de alguém se queimar, sofrerá ele dano; mas esse mesmo será salvo, todavia, como que através do fogo.”

1 Coríntios 3.10-15

O apóstolo Paulo está dizendo que o Senhor Jesus é o fundamento que ele havia lançado nos corações daqueles cristãos de Corinto. Ele trabalhara no sentido de fazê-los verdadeiramente convertidos, e não convencidos ao Senhor Jesus. Está afirmando que mais tarde outros deveriam edificar, ou seja, outros viriam ensinar as doutrinas cristãs de acordo com a orientação do

Espírito Santo, para o crescimento espiritual deles, a fim de serem cooperadores, lavoura e edifício de Deus.

Essa afirmação bíblica se refere ao julgamento das obras do cristão, e não à sua salvação. Aqueles que fazem o trabalho de edificação devem examinar muito bem como edificam. A qualidade do trabalho de cada um será julgada pelo Senhor Jesus, no Seu tribunal.

Não são poucos, por exemplo, os pastores que, no afã de ajuntar muita gente e ter sucesso rápido no seu empreendimento evangelístico, procuram levar as pessoas a buscarem

bênçãos sem responsabilidade. Não orientam as pessoas a que tenham uma conduta santa e pura diante de Deus e dos homens, e fazem da pregação do Evangelho e do próprio Jesus Cristo um fundamento efêmero comparável à palha ou ao feno; sem consistência ou durabilidade.

É muito mais fácil para certos líderes trabalharem com doutrinas que não “comprometem”; falar apenas de amor, bênçãos, alegria, paz e felicidade é muito simpático. Perseguições, sacrifícios, responsabilidades, guerras e trabalho também fazem parte da vida cristã, mas é preciso ter ousadia, coragem, fé e confiança na ação do

Espírito de Deus para anunciar todas as verdades da fé.

O edifício erguido sob o verdadeiro fundamento resiste aos ventos e às tempestades, e quando provado pelo fogo não se queimará; aqueles que trabalharem na sua construção receberão seus justos galardões.

Creemos que o galardão referido começa a ser recebido aqui mesmo na Terra, e nada mais é do que o privilégio de continuar servindo ao Senhor Jesus Cristo, face a face na Nova Jerusalém, por toda a eternidade.

Os que sofrerão o dano por terem as suas obras devoradas pelo fogo poderão

até ser salvos, mas não terão o direito de comungar diante do trono do Altíssimo; contemplarão o Senhor Jesus Cristo, mas não estarão o tempo todo à Sua destra.

Aliás, essa é uma analogia de um antigo costume religioso dos judeus. Quando eles apresentavam suas ofertas de sacrifícios no templo em Jerusalém, se os animais que traziam tinham defeito, fossem cegos, coxos, mancos, tivessem sarnas, manchas ou um mínimo de imperfeição, não tinham o direito de chegar nem à porta do santuário. Porém, quando o animal era perfeito, podiam entrar e ver, a certa distância, a Arca da Aliança.

Isso tem muito a ver com o tipo de oferta que temos apresentado a Deus com as nossas vidas. De acordo com a oferta de sacrifício que oferecemos ao Senhor, receberemos ou não o galardão; serviremos ou não diante d'Ele por toda a eternidade! As nossas regalias e privilégios celestiais dependem do tipo de vida que temos ofertado a Deus.

Quando o Senhor Jesus disse ao jovem rico que ele deveria vender todas as suas propriedades e dar o dinheiro aos pobres para ter um tesouro no céu, Se referia justamente a isso! O tesouro era o direito de viver e servir ao Rei dos reis, na Sua glória, para todo o sempre!

“E eis que venho sem demora, e comigo está o galardão que tenho para retribuir a cada um segundo as suas obras.”

Apocalipse 22.12

O SACRIFICIO

A prática do sacrifício é universal. Ele é encontrado de alguma forma nas religiões de todos os povos, em todos os tempos, sendo considerado como a mais alta expressão de fé, cuja manifestação é necessária para que possa ser realizado. Em outras palavras, podemos dizer que a fé é o principal ingrediente para que haja um autêntico sacrifício. Sem fé, ele não é completo; não passa de mera oferta.

O sacrifício inclui o ato de renunciar voluntariamente a alguma coisa, em troca de outra muito mais valiosa. É a menor distância entre o querer e o realizar e inclui a troca. Muitos que se dizem cristãos ou religiosos evitam falar desse assunto, mas a grande verdade é que na relação entre o ser humano e Deus está sempre presente o dar e o receber. Ele é o cumprimento da palavra profética de Deus para Adão:

“No suor do rosto comerás o teu pão, até que tornes à terra” (Gênesis 3.19), o que significa dizer que toda e qualquer conquista tem que ser na base do sacrifício.

Todas as conquistas da vida têm o preço do sacrifício. Tudo tem o seu preço. Se o objetivo que eu quero alcançar é muito alto, então alto também será o preço do sacrifício que terei de pagar. Quanto maior é a conquista, maior também será o sacrifício para consegui-la.

O preço de uma conquista é proporcional ao seu tamanho. Por isso, grandes vitórias são conquistadas somente por homens de Deus, corajosos, firmes e determinados. O Espírito Santo nunca escolhe covardes para realizar coisas grandes para a glória de Seu Filho! Pelo contrário, da mesma forma como escolheu pessoas especiais no passado, Ele o faz nos dias de hoje.

Essas pessoas escolhidas a dedo são sempre aquelas que estão dispostas a sacrificar tudo pela Sua causa.

“Quem somente observa o vento nunca semeará, e o que olha para as nuvens nunca segará.”

Eclesiastes 11.4

O preço da nossa salvação foi o sacrifício de nosso Senhor Jesus. O que temos de pagar para manter a salvação é a nossa própria renúncia dia após dia. O Senhor Jesus fala isso em outras palavras, quando diz:

“E quem não toma a sua cruz e vem após mim não é digno de mim. Quem

acha a sua vida perdê-la-á; quem, todavia, perde a vida por minha causa achá-la-á.”

Mateus 10.38-39

Tomar a cruz e seguir ao Senhor Jesus, bem como perder a vida pela Sua causa, é pagar o preço do sacrifício.

Ninguém é capaz de sacrificar algo sem que tenha realmente total e absoluta certeza daquilo que espera conquistar. Daí a razão do sacrifício, que tem dois aspectos principais: o espiritual e o material.

O aspecto espiritual diz respeito à fé, pois *“Ora, a fé é a certeza de cousas*

que se esperam, a convicção de fatos que se não vêem” (Hebreus 11.1).

Podemos afirmar que a fé é a alma do sacrifício. Qualquer que seja o sacrifício, a fé é a sua fonte geradora. É a fé que o estimula; sem ela, não pode haver o perfeito sacrifício.

Um estudante, por exemplo, nunca sacrificaria noites de sono, domingos e feriados, debruçado sobre seus livros escolares, se não estivesse imbuído de fé no resultado futuro; o lavrador sensato jamais sacrificaria a sua semente sobre a terra se não tivesse certeza absoluta de uma colheita abundante; o investidor financeiro

jamais arriscaria o seu capital se não acreditasse nos juros; o trabalhador não trabalharia o dia todo e todo o mês, se não tivesse fé de receber o seu salário.

Até mesmo na vida sentimental, os jovens nunca sacrificariam a liberdade da individualidade se não tivessem fé de constituir uma família feliz! Ora, verificamos assim que, em todas as áreas da vida humana, a fé é fundamental. Se não existisse a fé, não haveria amor nem esperança; não haveria casamento e nem família; não haveria relacionamento com Deus; enfim, não haveria ordem na sociedade e muito menos sociedade. Esse mundo seria um caos total.

O aspecto material do sacrifício é o elemento a ser sacrificado. Nos tempos do Antigo Testamento era comum se oferecer a Deus animais ou frutos da terra. Vemos isso na narrativa de Abel e Caim. Este último ofereceu as primícias do fruto da terra. Abel, entretanto, ofereceu a Deus as primícias do seu rebanho e da gordura deste. A Bíblia afirma que o Senhor Deus Se agradou da oferta de Abel, mas não Se agradou da oferta de Caim. Por que? A de Abel tipificava o sacrifício do Senhor Jesus, em que o Cordeiro de Deus seria sacrificado para remissão dos pecados da humanidade.

O sacrifício do reino vegetal era apenas

uma simples oferta, que não fazia diferença para aquele que a oferecia; enquanto que o do reino animal, em que uma vida era sacrificada, simbolizava o do Filho de Deus. É semelhante ao que fez a viúva pobre. Diz a Bíblia que o Senhor Jesus estava assentado diante do ofertório, observando como o povo lançava ali as suas ofertas. Muitos ricos depositavam ali grandes quantias.

“Vindo, porém, uma viúva pobre, depositou duas pequenas moedas correspondentes a um quadrante. E, chamando os seus discípulos, disse-lhes: Em verdade vos digo que esta viúva pobre depositou no gazofilácio mais do que o fizeram todos os

ofertantes. Porque todos eles ofertaram do que lhes sobrava; ela, porém, da sua pobreza deu tudo quanto possuía, todo o seu sustento.”

Marcos 12.42-44

Esse exemplo da viúva retrata exatamente o sentido do sacrifício, pois ela, apesar da sua pobreza, deu tudo quanto possuía; todo o seu sustento! Ainda que sua oferta não expressasse um valor substancial, mesmo assim, diante dos olhos de Deus, somava muito mais do que todas as outras juntas.

Essa oferta engloba o aspecto material (as moedas) e o espiritual (a fé). Em um primeiro momento ela manifestou uma fé

viva em Deus, pois acreditava que Ele lhe devolveria multiplicado; em seguida, deu tudo o que possuía. Ela não teria dado todo o seu sustento se não estivesse absolutamente convicta de que seria abençoada. Podemos concluir o seguinte: quantidade nem sempre exprime qualidade. A qualidade da fé de cada um é medida pela qualidade do sacrifício, e a qualidade do sacrifício exprime a qualidade da fé. É isso o que agrada a Deus. Não importa o tamanho da fé, mas sim que ela seja pura, fundamentada na Palavra de Deus e sem um mínimo de dúvida. Isso é fé viva e total.

Vejamos, por exemplo, alguns homens

de Deus que, no passado, tiveram que pagar, pela fé, o preço do sacrifício:

Noé -Sacrificou-se oferecendo cem anos de sua vida a Deus para construir a arca a qual, mais tarde, salvaria a ele e toda a sua família.

Abraão -Deixou a sua terra, a parentela e a casa de seu pai, sacrificando toda a sua existência para se tornar o pai na fé do povo de Deus;

Isaque- Submeteu-se a viver na terra dos seus inimigos para garantir a sua posse e vir a se tornar riquíssimo.

Jacó -Sacrificou quatorze anos de sua vida em trabalho duro para seu sogro a

fim de casar com Raquel, a quem amava.

José -Teve que ser vendido como escravo, ser preso e se submeter a humilhações para se tornar o segundo homem mais importante do Egito.

Moisés -Sacrificou o seu futuro no Egito, andou errante pelo deserto, trabalhando duro por cerca de quarenta anos para, finalmente, ser o maior estadista, legislador e libertador do povo de Israel.

Muitos outros homens, em suas respectivas épocas, ocuparam lugar de destaque na vontade de Deus, nos ensinando que não existe conquista sem sacrifícios, sem o sangue da dor,

humilhação, renúncia, abandono; enfim, o sangue do preço daquilo que nós queremos conquistar.

Os que desejam conquistar coisas grandes não medem o preço do sacrifício que têm de pagar para consegui-las. Se assim o fizessem, seria porque não estariam preparados para conquistá-las. Para alcançar um objetivo, não se pode regatear o custo do seu sacrifício.

Muitos têm experimentado o fracasso porque focalizam a sua visão mais no custo do que no benefício do sacrifício que não pode, em hipótese alguma, ser uma tentativa, aventura ou uma espécie

de jogo no qual a pessoa se lança movida pelas emoções. Não! O sacrifício resulta em conquista devido à fé e determinação.

Quando alguém se lança para conquistar um determinado objetivo, jamais deve permitir que no seu coração passem pensamentos de dúvida com respeito ao resultado final. Muito pelo contrário, tem de crer que o preço do seu sacrifício já pagou o custo da sua vitória! Se já o fez, então a conquista é só uma questão de tempo. Mesmo que demore um pouco, ainda assim não se deixa dominar pela ansiedade, porque é preciso estar absolutamente seguro de que a conquista já foi realizada!

É importante salientar que o próprio Deus, que tem o controle de todas as coisas tanto nos céus como na Terra, e que poderia ter traçado um outro plano para salvar a humanidade, sem que tivesse de sacrificar o Seu único Filho, não o fez! Ele foi o primeiro a trilhar o caminho do sacrifício e também o primeiro a sofrer a sua dor. Entretanto, graças a Ele, com Seu exemplo, a salvação nos foi possível.

É interessante frisar que antes de ir à guerra, o povo de Israel fazia as suas ofertas de sacrifícios. Por que? Porque eles proporcionavam a certeza da vitória. Ora, nós temos um excelente exemplo disso nos dias do profeta

Samuel. Estando Saul, rei de Israel, apertado pelos filisteus, inimigos do seu povo, mandou que lhe trouxessem holocaustos e ofertas pacíficas para oferecer a Deus. Mas ele não podia oferecer holocaustos ou sacrifícios porque era rei e não sacerdote. Saul não tinha o direito de fazer o trabalho do profeta que lhe havia dito para esperar sete dias até a sua chegada. Entretanto, movido pelo medo, desobedeceu ao profeta e fez o holocausto. Diz a Bíblia:

“Mal acabara ele de oferecer o holocausto, eis que chega Samuel; Saul lhe saiu ao encontro, para o saudar. Samuel perguntou: Que fizeste? Respondeu Saul: Vendo que o povo se ia

espalhando daqui, e que tu não vinhas nos dias aprazados, e que os filisteus já se tinham ajuntado em Micmás, eu disse comigo: Agora, descerão os filisteus contra mim a Gilgal, e ainda não obtive a benevolência do Senhor; e, forçado pelas circunstâncias, ofereci holocaustos.

Então, disse Samuel a Saul: Procedeste nesciamente em não guardar o mandamento que o Senhor, teu Deus, te ordenou; pois teria, agora, o Senhor confirmado o teu reino sobre Israel para sempre.

Já agora não subsistirá o teu reino. O Senhor buscou para si um homem que

lhe agrada e já lhe ordenou que seja príncipe sobre o seu povo, porquanto não guardaste o que o Senhor te ordenou.”

1 Samuel 13.10-14

Essa passagem mostra claramente que o sacrifício garante a vitória. Saul ofereceu o holocausto para unir o povo e prepará-lo para a guerra. Assim o povo iria adquirir confiança na vitória e espiritualmente estaria preparado para enfrentar os inimigos na certeza da vitória.

Sacrifícios judaicos

Os sacrifícios judaicos eram um tipo do sacrifício vicário de nosso Senhor Jesus Cristo. Por isso mesmo, a vítima sacrificial tinha que ser tirada dentre os animais limpos e perfeitos. Não poderia ser selvagem e de preferência deveria ser escolhida do rebanho do próprio ofertante, o que dá a idéia de intimidade e posse, razões que valorizavam ainda mais a doação.

Os elementos das ofertas não sangrentas, farinha, azeite, vinho e sal, eram também artigos de uso diário na cozinha. Isso quer dizer que a oferta se

constitui essencialmente das coisas que estão perto de nós; têm o nosso cuidado; nos são imediatamente úteis e se revestem de valor sentimental.

O ritual do sacrifício consistia de três ações da parte do ofertante e três do sacerdote. As três etapas do ofertante eram:

1a Trazer a oferta de sacrifício e colocá-la sobre o altar.

2a Impor as duas mãos sobre a cabeça do animal, simbolizando sua completa identificação com ele como seu substituto. O ofertante confessava o seu pecado, como que transferindo a sua culpa para o animal.

3a O abate do animal.

As do sacerdote eram:

1a Recolher o sangue em uma bacia e o aspergir sobre todo o altar.

2a Queimar todo ou parte do sacrifício.

3a Recolher parte da oferta que lhe serviria de alimento.

Ninguém estava isento da oferta de sacrifício, nem mesmo aqueles que viviam em extrema pobreza. Touros, bodes, cabras, cordeiros, pombas, pequenos pássaros e até farinha podiam ser oferecidos no templo. A lei mosaica

dizia:

“Se as suas posses não lhe permitirem trazer uma cordeira, trará ao Senhor, como oferta pela culpa, pelo pecado que cometeu, duas rolas ou dois pombinhos: um como oferta pelo pecado, e o outro como holocausto...

Porém, se as suas posses não lhe permitirem trazer duas rolas ou dois pombinhos, então, aquele que pecou trará, por sua oferta, a décima parte de um efa de flor de farinha como oferta pelo pecado; não lhe deitará azeite, nem lhe porá em cima incenso, pois é oferta pelo pecado.”

Levítico 5.7-11

O sacrifício vicário do Senhor Jesus Cristo satisfaz definitivamente toda necessidade de sacrifícios expiatórios, não sendo estes, portanto, mais necessários. Mas isso não significa que não haja mais necessidade de outros tipos de sacrifícios. Todos os cristãos devem continuar praticando principalmente os sacrifícios espirituais, conforme orientação do Espírito Santo, através dos Seus servos que escreveram o seguinte:

“Também vós mesmos, como pedras que vivem, sois edificados casa espiritual para serdes sacerdócio santo, a fim de oferecerdes sacrifícios espirituais, agradáveis a Deus por intermédio de

Jesus Cristo.”

1 Pedro 2.5

Esses sacrifícios espirituais são as ofertas de louvor, adoração e súplicas em favor da Igreja e dos servos do Senhor; os serviços e as ofertas financeiras apresentados para patrocinar a pregação do Evangelho por todo o mundo. Tudo o que é feito de todo o coração e com todas as forças, na esperança da vinda do Reino de Deus a esse mundo, deve ser considerado sacrifício espiritual agradável a Deus.

“Rogo-vos, pois, irmãos, pelas misericórdias de Deus, que apresenteis o vosso corpo por sacrifício vivo, santo

e agradável a Deus, que é o vosso culto racional.”

Romanos 12.1

Apresentar o nosso corpo por sacrifício vivo, santo e agradável a Deus significa viver em santidade. Isto é, considerar o corpo físico como templo e propriedade do Espírito Santo e fazer uso dele para glorificá-Lo é sacrifício espiritual. Se faço alguma coisa da qual a minha consciência me acusa, então devo imediatamente parar de praticá-la. Assim procedendo, estarei apresentando a Deus o meu culto racional, e isso é um sacrifício espiritual.

A espiritualidade do sacrifício consiste

na sua intenção, mesmo que este use coisas visíveis, materiais.

O Senhor falou ao profeta Isaías, condenando os sacrifícios do povo de Israel porque não representavam os verdadeiros sentimentos do coração das pessoas. Eram ofertas apenas de coisas que nada significavam.

“De que me serve a mim a multidão de vossos sacrifícios? Diz o Senhor. Estou farto dos holocaustos de carneiros e da gordura de animais cevados, e não me agrado do sangue de novilhos, nem de cordeiros, nem de bodes.”

Isaías 1.11

O apóstolo Paulo chama de sacrifício aceitável e aprazível a Deus as ofertas financeiras para o sustento do seu ministério missionário. Portanto, aqui constatamos que as ofertas destinadas à pregação do Evangelho são um tipo de sacrifício espiritual.

“Recebi tudo e tenho abundância; estou suprido, desde que Epafrodito me passou às mãos o que me veio de vossa parte como aroma suave, como sacrifício aceitável e aprazível a Deus.”

Filipenses 4.18

A espiritualidade da oferta de sacrifício implica na confiança do ofertante de que o Senhor o está aceitando e na certeza

de que Ele responderá de acordo com a Sua Palavra.

“Oferecei sacrifícios de justiça e confiai no Senhor.”

Salmos 4.5

O DIZIMO

Sua Origem

Dízimo quer dizer a décima parte. É um costume muito antigo. Antes da lei de Moisés, o patriarca Abraão, por exemplo, deu o dízimo a Melquisedeque, rei de Salém, de todos os despojos que conquistou dos seus inimigos, quando libertou seu sobrinho Ló. Diz a Escritura que *“Melquisedeque, rei de Salém, trouxe pão e vinho; era sacerdote do Deus*

Altíssimo; abençoou ele a Abrão e disse: Bendito seja Abrão pelo Deus Altíssimo, que possui os céus e a terra; e bendito seja o Deus Altíssimo, que entregou os teus adversários nas tuas mãos. E de tudo lhe deu Abrão o dízimo” (Gênesis 14.18-20).

Também registra que Jacó fez um voto de dar o dízimo a Deus:

“Fez também Jacó um voto, dizendo: Se Deus for comigo, e me guardar nesta jornada que empreendo, e me der pão para comer e roupa que me vista, de maneira que eu volte em paz para a casa de meu pai, então o Senhor será o meu Deus; e a pedra, que erigi por coluna,

será a Casa de Deus; e de tudo quanto me concederes, certamente eu te darei o dízimo.”

Gênesis 28.20-22

A lei de Moisés declarava que a décima parte dos produtos da terra, bem como dos rebanhos e manadas, pertencia ao Senhor e tinha que ser-Lhe paga. Esse pagamento deveria ser feito na mesma espécie, ou seja, o dízimo de ovelhas teria que ser ovelhas, o dízimo do azeite teria que ser em azeite. Se o dizimista quisesse o dízimo em dinheiro, então deveria acrescentar mais vinte por cento do valor. Por exemplo: Se ele tinha que dar dez ovelhas como dízimo, mas em

dinheiro, deveria levar ao templo o valor de doze ovelhas. O dízimo era entregue aos levitas, a tribo dos sacerdotes, que por sua vez dedicavam uma décima parte para o sustento do sumo sacerdote, ou seja, o dízimo dos dízimos.

“Aos filhos de Levi dei todos os dízimos em Israel por herança, pelo serviço que prestam, serviço da tenda da congregação.

E nunca mais os filhos de Israel se chegarão à tenda da congregação, para que não levem sobre si o pecado e morram. Mas os levitas farão o serviço da tenda da congregação e responderão

por suas faltas; estatuto perpétuo é este para todas as vossas gerações. E não terão eles nenhuma herança no meio dos filhos de Israel. Porque os dízimos dos filhos de Israel, que apresentam ao Senhor em oferta, dei-os por herança aos levitas; porquanto eu lhes disse: No meio dos filhos de Israel, nenhuma herança tereis.

Disse o Senhor a Moisés:

Também falarás aos levitas e lhes dirás: Quando receberdes os dízimos da parte dos filhos de Israel, que vos dei por vossa herança, deles apresentareis uma oferta ao Senhor: o dízimo dos dízimos.

Atribuir-se-vos-á a vossa oferta como

se fosse cereal da eira e plenitude do lagar. Assim, também apre-sentareis ao Senhor uma oferta de todos os vossos dízimos que receberdes dos filhos de Israel e deles dareis a oferta do Senhor a Arão, o sacerdote.”

Números 18.21-28

Posteriormente, essa legislação sobre os dízimos foi modificada, de maneira que dois dízimos eram exigidos. O primeiro era destinado ao sustento dos levitas, sacerdotes encarregados do serviço do templo; os filhos de Israel deveriam entregá-lo aos levitas da sua própria cidade. Fazendo-se um paralelo, isso significa dizer que o dizimista deve

entregar o seu dízimo na sua própria igreja, onde congrega.

O segundo dízimo era levado à Jerusalém, na festa do Senhor. E caso fosse distante entre a sua casa e Jerusalém, então ele poderia vender a mercadoria ou os animais e levar todo o dinheiro para o templo em Jerusalém. A cada três anos, contudo, esse segundo dízimo de animais e frutos da terra deveria permanecer na casa do dizimista, onde seria distribuído aos levitas, aos estrangeiros, aos órfãos e às viúvas que estavam dentro da sua cidade.

“Certamente, darás os dízimos de todo o

fruto das tuas sementes, que ano após ano se recolher do campo. E, perante o Senhor, teu Deus, no lugar que escolher para ali fazer habitar o seu nome, comerás os dízimos do teu cereal, do teu vinho, do teu azeite e os primogênitos das tuas vacas e das tuas ovelhas; para que aprendas a temer ao Senhor, teu Deus, todos os dias.

Quando o caminho te for comprido demais, que os não possas levar, por estar longe de ti o lugar que o Senhor, teu Deus, escolher para ali pôr o seu nome, quando o Senhor, teu Deus, te tiver abençoado, então, vende-os, e leva o dinheiro na tua mão, e vai ao lugar que o Senhor, teu Deus, escolher.

Esse dinheiro, dá-lo-ás por tudo o que deseja a tua alma, por vacas, ou ovelhas, ou vinho, ou bebida forte, qualquer coisa que te pedir a tua alma; come-o ali perante o Senhor, teu Deus, e te alegrarás, tu e a tua casa; porém não desampararás o levita que está dentro da tua cidade, pois não tem parte nem herança contigo.

Ao fim de cada três anos, tirarás todos os dízimos do fruto do terceiro ano e os recolherás na tua cidade.

Então, virão o levita (pois não tem parte nem herança contigo), o estrangeiro, o órfão e a viúva que estão dentro da tua cidade, e comerão, e se fartarão, para

que o Senhor, teu Deus, te abençoe em todas as obras que as tuas mãos fizerem.”

Deuteronômio 14.22-29

O Senhor deu esses mandamentos a Moisés, quando ele estava liderando os filhos de Israel pelo deserto, rumo à Terra Prometida. Somente teriam que ser cumpridos quando o povo já tivesse tomado posse. Cada uma das onze tribos deveria lavrar a sua terra, colher os seus frutos e pagar os seus dízimos. A décima segunda tribo restante, a tribo de Levi, não tinha direito a nenhuma propriedade; a sua herança era o Senhor, ou seja, a parte que lhe cabia eram os dízimos e as

ofertas que as demais tribos de Israel deveriam trazer ao Senhor.

Tendo em vista o esfriamento espiritual que provocou o afastamento entre o povo de Israel e o Senhor seu Deus, a prática do dízimo, com o tempo, foi se tornando formal e caindo em desuso.

Esse é um fator importante que se tem observado: quando o povo está frio na fé ou longe de Deus, então fraqueja com os seus compromissos espirituais, especialmente no que diz respeito aos dízimos e ofertas. Em consequência disso, a Igreja passa por necessidades. Aliás, o movimento financeiro de uma determinada congregação reflete o seu

grau de espiritualidade. O povo de Israel é um exemplo clássico disso. Quando ele estava bem no seu relacionamento com Deus, havia prosperidade por toda terra; porém, quando o povo se afastava de Deus, então passava a viver na maior penúria; aumentavam a pobreza e a miséria. Dentre os muitos exemplos disso, temos a época de Gideão. As Escrituras Sagradas dizem o seguinte:

“Fizeram os filhos de Israel o que era mau perante o Senhor; por isso, o Senhor os entregou nas mãos dos midianitas por sete anos.

Prevalecendo o domínio dos midianitas

sobre Israel, fizeram estes para si, por causa dos midianitas, as covas que estão nos montes, e as cavernas, e as fortificações.

Porque, cada vez que Israel semeava, os midianitas e os amalequitas, como também os povos do Oriente, subiam contra ele.

E contra ele se acampavam, destruindo os produtos da terra até à vizinhança de Gaza, e não deixavam em Israel sustento algum, nem ovelhas, nem bois, nem jumentos.”

Juízes 6.1-4

Quando Ezequias começou a reinar em

Judá, imediatamente procurou restabelecer a fé viva no Deus de Israel.

“No primeiro ano do seu reinado, no primeiro mês, abriu as portas da Casa do Senhor e as reparou.

Trouxe os sacerdotes e os levitas, ajuntou-os na praça oriental e lhes disse: Ouvi-me, ó levitas! Santificai-vos agora, e santificai a Casa do Senhor, Deus de vossos pais; tirai do santuário a imundícia.

Porque nossos pais prevaricaram e fizeram o que era mal perante o Senhor, nosso Deus, e o deixaram; desviaram o seu rosto do tabernáculo do Senhor e lhe

voltaram as costas.

Também fecharam as portas do pórtico, apagaram as lâmpadas, não queimaram incenso, nem ofereceram holocaustos nos santuários ao Deus de Israel.

Pelo que veio grande ira do Senhor sobre Judá e Jerusalém, e os entregou ao terror, ao espanto e aos assobios, como vós o estais vendo com os próprios olhos.

Porque eis que nossos pais caíram à espada, e, por isso, nossos filhos, nossas filhas e nossas mulheres estiveram em cativeiro.

Agora, estou resolvido a fazer aliança

com o Senhor, Deus de Israel, para que se desvie de nós o ardor da sua ira.

Filhos meus, não sejais negligentes, pois o Senhor vos escolheu para estardes diante dele para o servirdes, para serdes seus ministros e queimardes incenso.”

2 Crônicas 29.3-11

A partir daí se restabeleceram as ofertas e os dízimos em Israel e toda a terra de Judá se recuperou da miséria do cativeiro. Teve abundância de prosperidade, ao ponto dos príncipes da Babilônia serem enviados, para se informarem do prodígio que se dera naquela terra (2 Crônicas 32.31).

Quando Ezequias morreu, seu filho Manassés assumiu o seu lugar. Tudo aquilo que o pai havia realizado, ele destruiu. Toda a idolatria que Ezequias havia destruído, ele a reconstruiu. Tornou a edificar os altares aos Baalins, fez postes-ídolos e praticou a astrologia. Conclusão: vieram os assírios e o levaram cativo. E novamente veio a miséria ao povo. Assim viveram os filhos de Israel: quando o rei era homem de Deus, Israel prosperava e vencia a todos os inimigos, mas havendo rei rebelde à Palavra de Deus, então vinha miséria e dor sobre todo o povo.

Embora os filhos de Israel muitas vezes não observassem a prática dos dízimos,

ainda assim ele
jamais foi abolido, pois enquanto houver
Deus também haverá templos, cultos,
sacerdotes, e conseqüentemente, as
ofertas e os dízimos para o seu sustento.
O próprio Senhor Jesus censurou os
fariseus, dizendo:

“Mas ai de vós, fariseus! Porque dais o
dízimo da hortelã, da arruda e de todas
as hortaliças e desprezais a justiça e o
amor de Deus; devíeis, porém, fazer
estas cousas, sem omitir aquelas.”

Lucas 11.42

Dando o dízimo das ervas mais
insignificantes, os fariseus tentavam
manter a aparência de bons religiosos.

Além de não contribuírem segundo o costume de Israel, eram, na realidade, formais, frios e hipócritas.

Nessa passagem bíblica, o Senhor está Se referindo à importância da prática do dízimo, costume natural na Sua época, e também à necessidade da prática da justiça e do amor de Deus. Em outras palavras, estava afirmando que de nada adiantava dar o dízimo e ao mesmo tempo nutrir ressentimentos e ódio contra alguém.

É dever do cristão verdadeiro cumprir as suas obrigações para com Deus, ser fiel dizimista, e também amar ao seu próximo como a si mesmo.

O fato é que a prática de dar o dízimo é o reconhecimento do senhorio de Deus sobre todas as coisas. Quando alguém dá o seu dízimo na Igreja, na verdade está considerando que Deus é o Senhor, não só da sua vida, mas de tudo o que ela produz.

O sentido mais profundo do dízimo é que os cem por cento pertencem totalmente a Deus e quando Lhe devolvemos os dez por cento, estamos assumindo o privilégio de poder usar os outros noventa.

Entre os judeus, o dízimo significava o reconhecimento da participação de Deus na produção e

incluía os primogênitos dos animais e as primícias dos frutos da terra. O primogênito de cada família era consagrado ao Senhor, por isso este tinha mais direitos na herança que os demais.

Tudo pertencia a Deus até que a primeira porção, o dízimo, houvesse sido oferecida e aceita em lugar do todo. Só então o homem podia usar os demais 90% para si. Nesse aspecto, pode-se dizer que o dízimo também tinha o propósito de desconsagrar a colheita ou o rebanho. Em certo sentido, ao aceitar o dízimo, Deus também estava consagrando (santificando) 90% do que o homem colheu ou adquiriu, para que

este o pudesse usar.

O dízimo não tinha e não tem apenas um valor simbólico; ele representa realmente o próprio Primogênito, Jesus Cristo, o Filho do Altíssimo, que O deu à humanidade, a fim de redimi-la para Si.

O dízimo e a fidelidade conjugal

Aparentemente, o dízimo nada tem haver com a fidelidade conjugal. Mas tem! Encontramos na Bíblia, em várias

passagens, a analogia da fidelidade no casamento à fidelidade a Deus e a todos os Seus preceitos.

Se uma pessoa não é capaz de ser fiel no seu matrimônio, certamente não o será a Deus nos dízimos e ofertas! Se a pessoa não tem respeito nem mesmo para com a sua mulher ou o seu marido a quem vê, quanto mais a quem não vê!

O matrimônio é sagrado e algo profundamente sério. Não pode ser encarado como uma mera aventura. O casamento é uma analogia da aliança entre Deus e o ser humano. O noivo simboliza o Senhor Jesus e a noiva a Sua Igreja; portanto, o casamento é uma

união santa e tem que ser mantido em santidade.

O dízimo, dentre outras coisas, é o reconhecimento pelo homem do senhorio de Jesus Cristo; o cristão que é fiel no seu matrimônio e mantém o seu leito imaculado, normalmente também é fiel a Deus nos seus dízimos e ofertas. É interessante que o mesmo livro da Bíblia que censura a infidelidade conjugal e a prática ilegal de casamentos mistos, fala também da desonestidade do povo de Israel para com o Senhor, no que diz respeito aos dízimos e às ofertas.

No que se refere aos casamentos mistos,

isto é, casamentos de israelitas com não-israelitas ou pagãos, eram considerados pela lei mosaica como uma transgressão com terríveis conseqüências, pois na prática, os jovens pagãos traziam consigo as suas tradições religiosas, que acabavam por corromper a fé do parceiro judeu. Isso significava uma violação do relacionamento que havia entre Deus e o Seu povo, Israel.

Não podemos esquecer que toda a glória do rei Salomão, bem como do povo de Israel, foi arrastada pela miséria, pela fome e pela dor, simplesmente porque ele se prostituiu com os deuses de suas mulheres pagãs. A glória de Israel como Estado e nação de Deus nunca mais foi a

mesma depois de sua queda. É justificada a exigência da Lei de Moisés que proibia o casamento com pessoas pagãs. O profeta Malaquias adverte o povo de Judá e de Israel contra a infidelidade conjugal, que nada mais é do que uma semelhança de sua infidelidade para com o Senhor Deus de Israel, quando assim se refere:

“Não temos nós todos o mesmo Pai? Não nos criou o mesmo Deus? Por que seremos desleais uns para com os outros, profanando a aliança de nossos pais? Judá tem sido desleal, e abominação se tem cometido em Israel e em Jerusalém; porque Judá profanou o santuário do Senhor, o qual ele ama, e se

casou com adoradora de deus estranho.

O Senhor eliminará das tendas de Jacó o homem que fizer tal, seja quem for, e o que apresenta ofertas ao Senhor dos Exércitos. Ainda fazeis isto: cobris o altar do Senhor de lágrimas, de choro e de gemidos, de sorte que ele já não olha para a oferta, nem a aceita com prazer da vossa mão. E perguntais: Por quê? Porque o Senhor foi testemunha da aliança entre ti e a mulher da tua mocidade, com a qual tu foste desleal, sendo ela a tua companheira e a mulher da tua aliança.”

Malaquias 2.10-14

Ninguém com um resto de bom senso o

faria. Mas que fez um patriarca? Buscava descendência prometida por Deus.

“Portanto cuidai de vós mesmos, e ninguém seja infiel para com a mulher da sua mocidade. PORQUE O SENHOR DEUS DE ISRAEL DIZ QUE ODEIA O REPÚDIO; e também aquele que cobre de violência as suas vestes, diz o Senhor dos Exércitos; portanto cuidai de vós mesmos e não sejais infiéis.”

Malaquias 2.15-16

Ainda com respeito ao casamento misto, o apóstolo Paulo orienta os convertidos ao Senhor Jesus, em Corinto, dizendo:

“Não vos ponhais em jugo desigual com os incrédulos; porquanto que sociedade pode haver entre a justiça e a iniquidade? Ou que comunhão, da luz com as trevas? Que harmonia, entre Cristo e o maligno? Ou que união, do crente com o incrédulo? Que ligação há entre o santuário de Deus e os ídolos? Porque nós somos santuário do Deus vivente, como ele próprio disse: Habitarei e andarei entre eles; serei o seu Deus, e eles serão o meu povo. Por isso, retirai-vos do meio deles, separai-vos, diz o Senhor; não toqueis em cousas impuras; e eu vos receberei, serei vosso Pai, e vos sereis para mim filhos e filhas, diz o Senhor Todo-poderoso.

Tendo, pois, ó amado, tais promessas, purifiquemo-nos de toda impureza, tanto da carne, como do espírito, aperfeiçoando a nossa santidade no temor de Deus.”

2 Coríntios 6.14 e 7.1

Muitas pessoas convertidas ontem estão gemendo hoje porque não deram importância a esse conselho do Espírito Santo. Casaram-se com pessoas incrédulas ou supostamente convertidas, na esperança de um belo dia poderem trazê-las para o Senhor Jesus, mas hoje, passados alguns anos, aquela união que deveria ser uma bênção se transformou em uma maldição. Isso sem falar

daqueles que eram de Deus mas que acabaram por se corromper e seguiram as tradições de seus parceiros incrédulos!

Leitor amigo, por amor a si mesmo e sobretudo à sua própria vida, nunca permita ser iludido com as aparências. Nunca acredite que a pessoa incrédula, pela qual o seu coração se apaixonou, vai obrigatoriamente acabar se convertendo com o tempo. Isso é pura ilusão. O fato de conhecer algum caso isolado com uma pessoa amiga não significa que vai acontecer também com você.

Por isso é melhor não arriscar pois,

afinal de contas, é a sua salvação que está em jogo. A palavra de Deus é muitíssimo clara:

“Não vos ponhais em jugo desigual com os incrédulos... Que harmonia, entre Cristo e o Maligno? Ou que união, do crente com o incrédulo?”

2 Coríntios 6.14,15

Nunca se esqueça que qualquer sacrifício é mínimo diante de Deus, que fez por nós o supremo sacrifício, entregando o Seu próprio Filho, o Senhor Jesus, para morrer em nosso lugar, garantindo-nos assim todas as bênçãos celestiais.